


PERSPECTIVAS DO PROGRESSO INALCANÇÁVEL EM *TOTÔNIO PACHECO*, DE JOÃO ALPHONSUS

Perspectives of an unattainable progress in *Totônio Pacheco*, by João Alphonsus

Pedro Barbosa Rudge Furtado

<https://orcid.org/0000-0002-4786-0716> 

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Araraquara, SP, Brasil. 14.800-901 – pgeli.fclar@unesp.br

ALPHONSUS, João. *Totônio Pacheco*. São Paulo: Com-Arte/EDUSP, 2019. (Coleção Reserva Literária; 8).

A coleção *Reserva Literária*, fruto da parceria entre a Editora da Universidade de São Paulo e a Com-Arte, proporciona a reedição de mais um título relevante – e atualmente não muito lido – da literatura brasileira. Sendo apresentada em uma edição de capa dura, contendo os detalhes do trabalho editorial encetado sobre o texto e, ainda, um prefácio do professor Ivan Marques – conhecedor profundo do modernismo mineiro – a obra *Totônio Pacheco*, de João Alphonsus, joga luz sobre os conturbados anos de 1930 mediante uma voz narrativa em terceira pessoa atenta tanto às equações sociais quanto individuais.

Lançada primeiramente em 1935, a narrativa é incluída na extensa lista do chamado romance de 30. Apesar de ser um período profícuo em termos de difusão de prosas representativas de cantos do país outrora não abraçados, “o resíduo literário [das narrativas] nem sempre foi dos melhores, mas o fenômeno não deixa de ser interessante” (LUCAS, 1976, p. 77). A baixa produção de narrativas memoráveis deu-se muito devido à potente infiltração da polarização política da época, como Luís Bueno (2015) investiga com afinco em *Uma história do romance de 30. Grosso modo*, os escritores de esquerda deveriam compor livros de cunho social, enquanto os de direita deveriam compor livros psicológicos, focados no íntimo do sujeito. Destoavam desse esquema simplista, no entanto, o que Flora Süssekind (1984, p. 198) denomina “literatura-contra”; isto é, neste caso, as narrativas que imbricavam dialeticamente as formas/conteúdo sociais e psicológicas.

A despeito da construção formal *sui generis* de *Totônio Pacheco*, que demora a fixar a personagem principal, que nem sempre aparenta ser o epicentro dos acontecimentos, a prosa irradia tensões históricas e ontológicas, especialmente no que tange ao afeto da desilusão, colhido “com pachorra, num ritmo moroso e sereno” (MARQUES, 2011, p. 178).

Pretendemos destacar, assim, a edificação do sentimento de fracasso – do eu e do mundo ou do eu com o mundo – neste breve texto acerca do romance em questão de João Alphonsus, dividido em três partes.

A primeira delas enfoca, sobretudo, o deslocamento do médico Carmo Peres e do advogado Fernando Pacheco em direção às terras do Coronel Antônio Pacheco Fernandes, o Totônio Pacheco, pai de Fernando. Depois de muito tempo ausente, o advogado é chamado por Totônio a fim de visitar a moribunda mãe. Entretanto, o narrador em terceira pessoa empresta a perspectiva dos eventos a Carmo Peres, convidado pelo amigo a acompanhá-lo no adeus à Ciana.

A estruturação dessa mirada conduz o leitor através de um olhar valorativo do estrangeiro, figurando a “primeira entrada [do médico] no interior mineiro, para além da capital” (ALPHONSUS, 2019, p. 46). Não apenas isso, mas de um estrangeiro afinado com as tendências progressistas do começo do século XX, que parece ser o período em que as ações da primeira parte estão compreendidas. A periodização é importante uma vez que ela elucida as configurações do progressismo embutidas em tal personagem, a despeito da manifestação de diversas incertezas engendradas principalmente na terceira parte do livro. Todavia, por enquanto, a cosmovisão de Peres parece íntegra.

Por meio do seu ângulo de visão, são relatadas a decadência da fazenda do coronel (anacrônica em relação aos procedimentos econômicos do capital, sobretudo no que tange aos resquícios do trabalho escravo), os costumes arcaicos ou não-científicos do lugar – exemplificados pela “terrível resistência ao tempo, ao progresso, à higiene” (ALPHONSUS, 2019, p. 71) e pela crítica à vida espiritual. A despeito dessa última crítica, Peres teme os possíveis fantasmas que habitam o local. Essa inquietação, bem-humoradamente arquitetada, será um dos motivos causadores da desarmonia interna, da perda da sua integridade ideológica, digamos.

Contudo, no início da prosa, a sua visão de mundo está *in totum*, ou ele assim acredita, conectada ao ateísmo. A sua confiança, portanto, é tão somente depositada na ciência. Parte dela, na época, considerava a eugenia vital para a prosperidade do homem. Reiteradamente na prosa, essa personagem explica a violência, a indolência e a confusão do brasileiro mediante a “mestiçagem nacional” (ALPHONSUS, 2019, p. 40), o que gera diversas discussões entre ele e Pacheco, acostumado, este, a se envolver com negras.

Peres, assim, figura um movimento em direção ao futuro; isto é, na certeza de que o porvir é assegurado pelo desenvolvimento tecnológico. Se no começo da sua estadia ele observava a casa e a paisagem interessadíssimo, após a morte da mãe do amigo, totalmente inapto em relação ao *modus vivendi* do interior – enxergando ali tão somente atraso – o médico logo retorna, aliviado, à capital mineira. No carro, o narrador descreve os seus sentimentos: “Peres aspirou fortemente o ar, saindo da noite para o dia. Como que novamente integrado na vida” (ALPHONSUS, 2019, p. 113). Dessa forma, a primeira parte do romance termina.

A segunda inicia-se um tanto confusamente, pois há uma viravolta na perspectiva da



narrativa. Se antes olhávamos o mundo sobretudo pela ótica de Peres, agora o enxergamos a partir, principalmente, dos olhos de Totônio. Mesmo que estranhamente, a narrativa continua coesa se pensarmos que a volta de Peres para a capital é repercutida pela presença do coronel em Belo Horizonte. O que liga uma parte a outra, em que se passam quinze anos, é o espaço: a ausência física, porém não mental, do campo.

Como assinala Luís Bueno (2015), erigir parte da narrativa sob a mirada de Pacheco engendra uma “inversão lógica da relação entre campo e cidade que predominou nos anos 30” (2015, p. 374); ou seja, a prosa não se concentra no filho desajustado de uma família rural decaída – como Carlos de Melo, Luís da Silva e Belmiro Borba – mas sim no “velho proprietário, cujo lugar ele sabe perfeitamente precisar onde fica [...]” (BUENO, 2015, p. 374). A presença, portanto, do *modus operandi* de outrora sobrevive na psique de Totônio, bastante investigada, nessa segunda parte do romance, ao sabor do afeto nostálgico, da supervalorização do passado edênico; um fenômeno, enfim, ligado à memória (STAROBINSKI, 2016).

Assim, não é tão somente por meio de uma equação conflitiva fácil entre campo e cidade que percebemos o mal-estar dessa personagem. Além da diferença de costumes, o desempoderamento da personagem é realçado. Envelhecido e preso há um modo de produção do qual não se vê pertencente, Pacheco não conserva os grandes poderes de outrora. Muito diversamente, ele está subordinado às vontades do filho, com quem vive. Há um trecho especialmente revelador da derrocada da autoridade:

Isso estava sendo sentido [...] sobretudo pela falta chocante daquele sentimento particular de centro de uma vasta circunferência ideal abrangendo homens, irracionais, águas, plantas, que viviam para ele, raios convergindo para o centro, onde esse estivesse: mesmo dentro de Montanha, sentia que, do bairro do Pega-Boi para lá, tudo vivia para ele (ALPHONSUS, 2019, p. 122).

Descentralizado, apequenado, impotente, o coronel – figura anacrônica na civilizada Belo Horizonte – flana pelas ruas, conversa com o vizinho, assedia a empregada – o que para ele não é imoral – etc. De acordo com a sua visão míope, “tudo veio piorando com o progresso” (ALPHONSUS, 2019, p. 139). Em diversos diálogos, então, ele avilta feitos ligados ao mundo desenvolvimentista ao mesmo tempo que enaltece práticas do passado rural. Pacheco, por exemplo, reclama da obrigatoriedade do voto anônimo, defendendo o de cabresto, e se opõe ao modo permissivo como o neto é criado, muito diferente da brutalidade da educação em Montanha.

A supressão de um outro que o entende, que partilha do saudosismo de seus ideais, o desampara, tecendo uma profunda sensação de soturnidade. Como diz o narrador, Pacheco “não procurava explorar ou explicar sua tristeza: vinha triste” (ALPHONSUS, 2019, p. 193). Dessa forma, ele sente a temporalidade interior homologamente ao modo que Peres a concebia na fazenda; isto é, em uma grave lentidão: “As horas passavam morosas” (ALPHONSUS, 2019, p. 206). Percepções de tempo totalmente distintas entram em consonância, nesse caso, por meio da inadaptação, do desabrigo espacial e mental.



A terceira e última parte do romance une essas duas figuras dessemelhantes. Em um passeio de carro, o coronel, auxiliado pelo médico, conhece e logo começa a namorar a prostituta “mulata” (ALPHONSUS, 2019, p. 231) Coló, revivendo as relações que mantinha com as escravas, além de, por meio de medonhos ciúmes e das diversas proibições por ele estabelecidas, reempoderar-se ao conseguir restringir as liberdades da companheira.

A maior parcela da derradeira parte constitui-se no afã de Totônio retomar as rédeas de sua vida. A fim de atingir o seu desejo, ele paulatinamente frequenta menos a casa do filho até o momento em que decide morar com Coló. A sua felicidade, contrastada com a enfermidade do neto, é mal-entendida pela família, que se tornava inquieta e revoltada no que tange à ausência do decaído patriarca. A rebeldia do velho, enxergada de modo zangado pelos entes, estende-se até a sua morte. Moribundo, ainda procura casar com Mirtes, a irmã da esposa do filho. A ruína final, no entanto, alcança-o primeiro, não lhe concedendo mais um gozo sob o signo do domínio.

Enquanto Pacheco tenta, sem sucesso, restaurar a sua posição central, Carmo Peres fracassa em seus empreendimentos pessoais, colocando em xeque tanto o seu amanhã quanto o deste “país de mestiçagem” (ALPHONSUS, 2019, p. 300). Dessa forma, ele contesta a noção íntegra de progresso – íntimo e social – veiculada na primeira parte do romance, sobretudo ao admitir, melancolicamente, que ele próprio é mestiço, trazendo “em si o mesmo e o outro e, por mais que ele queira se libertar desse, permanece lá e está ativo” (BUENO, 2015, p. 376). Aporeticamente, o futuro do médico é entrevisto de modo triste precisamente pelo seu pensamento progressista, não consagra a miscigenação nem muito menos aceita a aderência de cientistas, mesmo que a contragosto, à vida espiritual ao considerar haver entidades fantasmagóricas, como ele o faz no final do romance.

Por meio da variação de perspectivas, sobretudo quando são focalizadas a narração do cerne de Peres e de Pacheco, são construídas, na narrativa, duas visões negativas sobre o eu e o mundo. No caso do médico, a sua própria ideologia o trai, deslindando as suas incongruências antes desconsideradas. Já no caso do coronel, a tristeza é internamente difundida através do cerceamento de seus atos pelo filho, que assume a condição de figura paterna, e do seu conseqüente desempoderamento. Mesmo quando se desvincula dos arbítrios de Fernando, ele padece do seu envelhecimento. Em uma visão macro, o romance figura, com os seus descompassos formais e traços da época, o fracasso dos anacronicamente desajustados e de grande parte da população “impura”. O poder, assim, concentrar-se-á na elite branca. Há, para ela, brilhante futuro.

Referências

ALPHONSUS, João. *Totônio Pacheco*. São Paulo: Com-Arte/EDUSP, 2019. (Coleção Reserva Literária; 8).

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: EDUSP/Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

LUCAS, Fábio. *O caráter social da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Quirón, 1976.



MARQUES, Ivan. *Cenas de um modernismo de província: Drummond e outros rapazes de Belo Horizonte*. São Paulo: Editora 34, 2011.

STAROBINSKI, Jean. *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza*. Tradução de Rose Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance? uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

NOTAS DE AUTORIA

Pedro Barbosa Rudge Furtado (pedro.sonata@gmail.com) é mestre em Estudos Literários (2017) e doutorando na mesma área de atuação. Especialista em crítica da narrativa e teoria literária. Concentra-se no estudo da Literatura Brasileira do século XX e contemporânea e na Literatura Latino-americana. É, atualmente, professor substituto de Críticas Literárias no curso de Letras da UNESP de Araraquara.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

FURTADO, Pedro Barbosa Rudge. Perspectivas do progresso inalcançável em *Totônio Pacheco*, de João Alphonsus. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 26, p. 01-05, 2021.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 15/11/2020

Aprovado em: 17/11/2020

Publicado em: 23/04/2021

